Anno de 1847. Sexta-feira 24 de Setembro. Anno XXIV. N. 215.

O *DIARIO* publica-se todos os dias, que não forem de guarda; o preço da assignatura he de 4000 rs. por quartel, pagos *adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos á rasão de 20 rs. por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagarão 80 rs. por linha, e 160 em typo differente, por cada publicação.

PHASES DA LUA NO MEZ DE SETEMBRO.

Mingoante, a 1, a 6 horas e 42 min. da tarde.
Lua nova, a 9, aos 28 min. da tarde.
Crescente, a 17, ás 5 horas da tarde.
Lua cheia a 24, aos 6 min. da tarde.

PARTIDA DOS CORREIOS.

Goianna e Parahyba, ás segundas e sextas feiras.
Rio-Grande-do-Norte quintas feiras ao meio-dia.
Cabo, Serinhãem, Rio-Formoso, Porto-Calvo e Maceió, no 1.°, a 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito, a 8 e 23.
Boa-Vista e Flores, a 13 e 28.
Victoria, ás quintas feiras.
Olinda, todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira, ás 4 horas e 30 minutos da manhãa.
Segunda, ás 4 horas e 54 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

20 Segunda. S. Eustaquio. Aud. do J. dos orph. do J. do c. da 2 v. e do J. M. da 2 vara.
21 Terça. S. Matheus. Aud do J. do civ. da 1. v. e do J. de paz do 2. dist. de t.
22 Quarta. S. Mauricio. Aud. do J. do civ. da 2. v. e do J. de paz do 2. dist. de t.
23 Quinta. S. Lino. Aud do J. de orph. e do J. municipal da 1. vara.
24 Sexta. S. Geraldo. Aud do J. do civ. da 1. v. e do J. de paz do 1. dist. de t.
25 Sabbado. S. Firmino. Aud. do J. do civ. da 1. v. e do J. de paz do 1 dist. de t.
26 Domingo. S. Cypriano.

CAMBIOS NO DIA 23 DE SETEMBRO.

Cambio sobre Londres a 27 d. p. 15 rs. a 60 dias.
» » Paris 350 rs. por franco.
» » Lisboa 105 a 110 de premio.
Desc. de lettras de boas firmas de 3/4 a 1 % ao mez

Ouro — Onças hespanholas....	28$500	a	29$000
» Moedas de 6$400 velh.	16$300	a	16$500
» » de 6$400 nov..	16$100	a	16$300
» » de 4$000.....	9$000	a	9$200
Prata — Patacões........	1$980	a	1$990
» Pesos columnares...	1$940	a	1$950
» Ditos mexicanos....	1$800	a	1$850
» Miuda.............	1$920		

Acções da comp. do Beberibe de 50$000 rs. ao par.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Correspondencia.

Srs. Redactores. — O *Parochiano Memorandista* do *Diario Novo* n. 204 começou a sua propaganda contra mim por calumniar-me desbragadamente, attribuindo-me o ter eu dito na camara dos Srs. deputados, que a fama publica imputava a morte do infeliz José Tavares Gomes da Fonseca ao Sr. Barão de Suassuna. Leia-se o meu discurso na camara, e reconhecer-se-ha a verdade do que digo, e outrosim a de que só tive então por fim e limitei-me a censurar a facilidade, ou imprudencia administrativa, com que se fizera uma nomeação de commando poucos dias depois daquelle assassinio, apezar do rumor a que alludi, infelizmente havido até o dia dessa nomeação; rumor sobre o qual desde então na camara assim discorri: « Eu não sei, nem digo se a voz publica era ou não fundada em verdade, mas existia; bem póde ser que fosse injusta, que o cidadão apontado fosse innocente; desgraçadamente não seria a vez primeira que imputação tão forte e effectiva se désse contra um innocente, e que mesmo ainda mais longe se estendesse contra o prevenido: eu não faço accusação, nem assevero; refiro o facto, tal qual aconteceu. » Hoje depois da leitura e circulação do impresso assignado pelo Sr. Jacintho Moreira Severiano da Cunha, e segundo os principios do Sr. *Memorandista*, diga-o S. S., e o publico se era, ou não infundado e injusto esse rumor.

Quanto ás duas pretextadas prevaricações minhas, de que tanto se dóe e recorda o Sr. *Memorandista*, dou parabens á minha terra pelo progresso moral e inestimavel acquisição da escrupulosa consciencia e catonismo desse Sr.; porque está visto, ajuizando pelo que elle sente e préga a meu respeito, que jamais a sua pureza se maculará votando ou consentindo que se vote em tantos amigos e correligionarios seus, accusados de assassinios e prevaricações, sem que jamais se tenham justificado, não tanto *por meio de debate entre as partes em juizo*, mas nem sequer ao menos por qualquer contestação pela imprensa; se antes o Sr. *Memorandista* farisaicamente não tem por fim o arredar-me da eleição.

Não procurarei, defendendo-me, alliciar o voto e conversão do Sr. *Memorandista* a meu favor, não; fica-lhe o campo franco, guerreie-me a seu gosto.

Seguro em minha consciencia, appello para todos os que me conhecem, e me teem tratado; e ao Sr. Florencio José Carneiro Monteiro rogo encarecidamente que me faça o especialissimo favor de publicar tudo o que colheu contra mim, e todos os documentos que provem as minhas prevaricações, que elle então referio; e que tambem por serviço á moral publica se digne depositar todas essas informações e documentos em mão do Sr. Luiz Ignacio Ribeiro Roma, (de quem não he de esperar que se negue a este util serviço) e delle os poderá o Sr. *Memorandista* receber, publicar, commentar á sua feição e gosto, transmittir ao accusador publico, denunciar-me, fazer-me ir a juizo emfim. Por ultimo, declaro que sobre este assumpto não responderei mais a anonymos.

Rogo-lhes, Srs. Redactores, o favor da publicação desta.

Seu &c.

Antonio Joaquim de Mello.

Variedades.

ESTUDOS HISTORICOS.

Juizo sobre a morte de Luiz XVI.

(Continuação do numero antecedente)

Nesta luta, nem tudo era irreprehensivel da parte do rei. A incoherencia e o arrependimento das medidas trahiam a fraqueza e tinham muitas vezes motivado as violencias e os attentados do povo. Assim, Luiz XVI havia convocado os estados geraes, e, querendo limitar o direito de deliberação, a insurreição moral do juramento de *Jeu de Paume* lhe forçára a mão. Atreveu-se a intimidar a assembléa constituinte com uma reunião de tropa em Versalhes, e o povo de Paris tomou a Bastilha e corrompeu os guardas francezes. Pensou em mudar da capital a reunião da assembléa nacional, e o povo de Paris marchou sobre Versalhes, forçou seu palacio, matou seus guardas, prendeu sua familia nas Tulherias. Tentou fugir para o seio do seu exercito, e mesmo de um exercito estrangeiro, e a nação o restituio encadeado ao throno, e impoz-lhe a constituição de 91. Parlamentou com a emigração e com os reis, seus vingadores, e a populaça de Paris fez o 20 de junho. Recusou sua sancção a leis exigidas pela vontade do povo, e os Gerondinos unidos aos Jacobinos fizeram o 10 de agosto.

Conforme o espirito com que se consideram as vicissitudes de seu reinado, desde o principio da revolução, ha motivos para accusa-lo ou para lastima-lo. Não era nem de todo innocente, nem de todo culpado; era sobre tudo infeliz! Se o povo podia exprobrar-lhe traições, elle podia, elle que era rei, exprobrar ao povo violencias crueis. A acção e a reacção, o ataque e a resposta se tinham succedido de parte a parte com tal rapidez, como em uma derriça, que era difficil dizer quem dera primeiro. Os erros eram reciprocos, as suspeitas mutuas, os perigos iguaes. Quem tinha direito de julgar o outro e dizer-lhe com justiça e imparcialidade: Tu morrerás! Nenhum dos dous. O rei não podia, no caso de ser vencedor, julgar o povo, nem o povo podia legalmente julgar o rei. Não havia alli ninguem subjeito a justiça, havia um vencido e nada mais. O processo era uma hypocrisia de justiça, só o instrumento da morte era logico. Robespierre o disse; mas o que he em todas as lingoas o instrumento da morte, depois do combate, e ferindo um homem desarmado, em nome dos seus inimigos? Um assassinato de sangue frio, sem desculpa, desde que he desnecessario, em uma palavra uma immolação.

Depôr Luiz XVI, banni-lo do solo nacional, ou conserva-lo na impossibilidade de conspirar e de fazer mal, eis o que exigiam dos convencionaes a salvação da republica, a segurança da revolução. A immolação de um homem preso e desarmado não era mais que uma concessão á colera ou uma concessão ao medo. Vingança aqui, cobardia alli, crueldade sempre. Immolar um vencido cinco mezes depois da victoria, ainda que esse vencido fosse culpado, ainda que fosse perigoso, era um acto sem compaixão. A compaixão não he uma palavra vãa entre os homens; he um instincto que adverte á força que abrande a mão á proporção da fraqueza e da adversidade das victimas: he uma justiça generosa do coração humano mais perspicaz e mais infallivel que a justiça inflexivel do espirito. Por isso todos os povos fizeram della uma virtude. Se a ausencia da compaixão he um crime no despotismo, porque será virtude nas republicas? O vicio e a virtude mudam de nome, mudando de partido? Os povos estão dispensados de ser magnanimos? Só os seus inimigos ousariam pretende-lo, porque quereriam deshonra-los: sua propria fôrça lhes ordena mais generosidade que a seus tyrannos.

Finalmente, a morte do rei, como medida de salvação publica, era necessaria? Perguntáriamos primeiro, se era justa, porquanto o que he injusto em si não póde ser necessario á causa das nações. O que constitue o direito, a belleza e a santidade da causa dos povos, he a perfeita moralidade de seus actos. Se elles abdicam a justiça, deixam de ter bandeira; não são mais que libertos do despotismo, imitando todos os vicios de seus tyrannos. A vida ou a morte de Luiz XVI, destronado e preso, não tinha o peso de uma baioneta de mais ou de menos na balança dos destinos da republica: seu sangue era uma declaração de guerra mais certa que sua deposição; sua morte era certamente um pretexto de hostilidade mais especiosa que sua prisão nos conselhos diplomaticos das côrtes inimigas da revolução. Principe gasto e despopularisado por quatro annos de luta desigual com a nação, victima vinte vezes da irrisão do povo, sem credito sobre os soldados; caracter cuja fraqueza e indecisão tantas vezes se havia sondado, que havia descido de humiliação em humiliação e degrão por degrão do alto do throno até a prisão, Luiz XVI era o unico principe de sua raça a quem não fosse possivel pensar em reinar. Estava desacreditado fóra, no paiz seria o penhor paciente e inoffensivo da republica, o ornamento de seu triumpho, a prova viva de sua magnanimidade. Sua morte, pelo contrario, allienava da causa franceza essa parte immensa das populações que não julga dos acontecimentos humanos senão pelo coração.

A natureza humana he pathetica; a republica o esqueceu, deu a realeza alguma cousa de martyr, á liberdade alguma cousa da vingança: preparou assim uma reacção contra a causa republicana, e poz do lado da realeza a sensibilidade, o interesse, as lagrimas de uma parte dos povos. Quem póde negar que o enternecimento sobre a sorte de Luiz XVI e de sua familia não teve grande parte na recrudescencia da realeza em França alguns annos depois? As causas perdidas teem retrocessos, cujos motivos não se devem procurar muitas vezes senão no sangue das victimas immoladas pela causa opposta. O sentimento publico, uma vez commovido por uma iniquidade, não descansa senão quando, por assim dizer, se absolve por alguma reparação estrondosa e inesperada. Houve sangue de Luiz XVI em todos os tratados que as potencias da Europa contrataram entre si para criminar e suffocar a republica; houve sangue de Luiz XVI no oleo que sagrou Napoleão, tão pouco tempo depois dos juramentos á liberdade; houve sangue de Luiz XVI no enthusiasmo monarchico que reviveu em França á volta dos Bourbons na restauração; até mesmo em 1830 houve sangue de Luiz XVI na repulsão ao nome de republica, que lançou a nação indecisa nos braços de outra dynastia. São os republicanos os que mais devem deplorar esse sangue, porque sobre sua causa he que elle tem cahido sempre, e a ella devem a perda da republica.

Quanto aos juizes, só Deos lê na consciencia dos individuos; a historia só lê na consciencia dos partidos. Só a intenção constitue o crime ou dá a explicação de taes actos. Uns votaram por uma poderosa convicção da necessidade de supprimir o signal da realeza, abolindo a propria realeza; outros por um intrepido desafio aos reis da Europa, que não os acreditariam bastante republicanos para suppliciarem um rei; estes para dar aos povos subjeitos um signal e um exemplo que lhes communicasse a audacia de livrar-se da superstição dos reis; aquelles por uma firme persuasão das traições de Luiz XVI, que a imprensa e a tribuna lhes pintavam, desde o começo da revolução, como conspirador; alguns por impaciencia dos perigos da patria; outros, como os Girondinos, com pezar e pela rivalidade de ambição a quem daria mais irrecusavel garantia á republica; outros por esse arrebatamento que arrasta as almas fracas na torrente das assembléas publicas; outros por essa cobardia que de repente sorprende o coração e faz abandonar a vida de outrem como abandona a sua; o maior numero, emfim, votou a morte com reflexão, por um fanatismo estoico que se não illudia nem a respeito da insufficiencia do crime, nem da irregularidade da fórma, nem da crueldade da pena, nem mesmo das contas que tomaria a posteridade a sua memoria; mas acreditaram esses que a liberdade era tão santa que justifica vapor sua fundação o que faltava á justiça de seu voto, e tão implacavel que exigia delles o sacrificio de sua propria compaixão!

Enganaram-se todos. Todavia, a historia não póde desconhecer que no meio de todas as consequencias politicas, crueis para o sentimento e fataes para a liberdade, do supplicio de Luiz XVI, não houvesse uma potencia naquelle cadafalso. Foi a potencia dos partidos desesperados e das resoluções sem regresso. Esse supplicio votava a França á vingança dos thronos e dava assim á republica a fôrça incalculavel das nações, a fôrça do desespero. A Europa o comprehendeu. A França respondeu. Cessaram as transacções, as indecisões, as negociações; e a morte, tendo em uma mão o ferro que ferio Luiz XVI, e a bandeira tricolor na outra, foi o unico negociador, o juiz unico entre a monarchia e a republica, entre a escravidão e a liberdade, entre o passado e o futuro das nações.

A. DE LAMARTINE: *Histoire des Girondins.*
(*Diario do Rio-de-Janeiro*)

CREAÇÃO DA UNIVERSIDADE EM FRANÇA.

O novo volume da historia do consulado e do imperio se compõe de tres livros; Ulm e Trafagal; Austerlitz; Confederação do Rheno. Toda a historia imperial, desde agosto de 1805, depois da partida de Bolonha, até agosto de 1806, vespera da campanha da Prussia, contém-se nestes tres grandes titulos, que commemoram os maiores feitos deste glorioso periodo. A guerra e a diplomacia não occupam exclusivamente essa parte da historia: a administração interna, as finanças, as instituições civis, os estabelecimentos uteis, os aformoseamentos da capital, nada disto escapa a actividade deste genio ardente e inspirado, que dirige os destinos da França. Do ultimo livro do tomo 6.° extrahimos algumas passagens sobre a creação da universidade. Apezar de uma data de 40 annos, ainda vem hoje a proposito entrar no conhecimento dos motivos que deram origem a esta instituição nacional.

« A todas estas creações Napoleão ajuntou outra, talvez a mais bella do seu reinado, a universidade! Sabe-se que systema de educação adoptou elle em 1802, quando lançou os fundamentos da nova sociedade franceza. No meio das velhas gerações, que a revolução tinha feito inimigas, das quaes umas choravam pelo antigo regimen, e outras estavam descontentes do novo, sem todavia querer voltar ao antigo, Napoleão emprehendeu formar, por meio da educação, uma geração nova, propria para nossas instituições modernas, e creada por ellas.

« Em lugar das escolas centraes, que eram cursos publicos, aos quaes os mancebos, nutridos no seio das familias e nos collegios particulares, assistiam e ouviam os professores ensinar, segundo seus caprichos ou as ideias do tempo, as sciencias physicas muito mais que as lettras, Napoleão instituio, como vimos, casas em que a mocidade aquartelada e nutrida recebia das mãos do estado a instrucção e a educação, e onde as lettras recobraram o lugar que nunca deveriam ter perdido, sem que todavia as sciencias perdessem aquelle que haviam conquistado. Napoleão, antevendo quantos clamores seriam pelos preconceitos e pela malevolencia levantados contra os estabelecimentos que acabara de fundar, instituio fundos proprios para seis mil, e desta fórma encheu de autoridade (mas de autoridade benefica) a população dos novos collegios, que passaram a ter o nome de lycêos.

« Uns abertos recentemente, e outros que não eram senão antigas casas transformadas, apresentaram já em 1806 o espectaculo de ordem, bons costumes e estudos interessantes. Seu numero era de vinte e nove, mas Napoleão quiz eleva-lo a cem. Trezentas e dez escolas secundarias, estabelecidas por municipios, igual quantidade de escolas secundarias, abertas por particulares, aquellas obrigadas a seguir as regras dos lycêos, e estas a mandar para elles seus discipulos, completaram o todo dos novos estabelecimentos. Este systema tinha triumphado completamente. Os emprehendedores de collegios particulares, os pais dominados por preconceitos e os padres visando a conquista da educação publica, calumniaram os lycêos. Diziam que nelles não se professava senão as mathematicas, porque não se desejava fazer senão militares; que a religião era tida em desprezo; e os costumes corrompidos. Nada era menos exacto do que essa censura, porque tinha havido expressa intenção de honrar o culto das lettras, e este grande fim havia-se conseguido. A religião era ensinada por capellães, e com tanta santidade, quanto tinha podido consegui-lo a vontade do autor da concordata, e com o successo que permittia o espirito do seculo. Finalmente, uma vida austera, quasi militar, e exercicios continuos, preservavam nesses estabelecimentos a mocidade de paixões prematuras; e quanto aos costumes dos lycêos eram certamente preferiveis aos collegios particulares.

« Apezar das calumnias dos interessados, e descontentamento dos partidistas do passado, estes estabelecimentos fizeram rapidos progressos. A mocidade incitada pelo beneficio das dotações e pela confiança dos pais affluia para elles em grande escala.

« Mas segundo Napoleão a obra estava apenas traçada: não era bastante attrahir discipulos, era preciso dar-lhes professores; era preciso crear um corpo magistral. Era esta uma das questões, a qual Napoleão tinha applicado o espirito com a firmeza que o caracterisava em tudo.

« Confiar a educação aos padres era cousa a seus olhos inadmissivel. Elle tinha restabelecido o culto, e o havia feito com a profunda convicção de que a toda sociedade convém uma religião, não como meio subsidiario de policia, mas como uma satisfação devida aos mais nobres sentimentos d'alma.

« Entretanto elle não queria abandonar o cuidado de formar a nova sociedade ao clero, que em seus afferrados preconceitos, amor do passado, aversão do presente, e terror do futuro, não podia deixar de infiltrar no espirito da mocidade as mesmas paixões das gerações que desappareciam. A mocidade deve ser formada segundo o modelo da sociedade na qual he destinada a viver; convém que ella ache no collegio o espirito de familia, na familia o espirito da sociedade, com costumes mais puros, habitos mais regulares e trabalho mais assiduo; convém, em uma palavra, que o collegio seja a propria sociedade aperfeiçoada.

« Se há a menor differença entre uma e outra, se a mocidade ouve seus pais e seus mestres fallarem lingoagem diversa; se ella ouve preconisar uns o que outros censuram, dahi nasce um terrivel contraste que lhe perturba o espirito, e a faz ou desprezar os mestres se confiam mais nos pais, ou desprezar estes se confiam mais naquelles.

« A segunda parte da vida he empregada em destruir a crença do que se aprendeu na primeira. A religião mesma, se he imposta com affectação em lugar de ser professada com respeito na presença da mocidade, não he mais que um jugo, ao qual o mancebo, que se torna livre, se esforça por subtrahir como a todas as outras obrigações do collegio. Taes foram as considerações que fizeram Napoleão recuar perante a ideia de confiar a mocidade ao clero. Uma ultima rasão acabou de decidi-lo. Era o clero apto para educar judeus e protestantes? Seguramente não. Logo, não se poderia educar juntamente, judeus, protestantes, catholicos, para delles fazer uma mocidade esclarecida, tolerante, amante do paiz e apta para todas as carreiras, *una*, emfim, como convinha que fosse a França moderna.

« Entretanto, se ao clero faltavam as qualidades necessarias para desempenhar esta tarefa, outras tinha elle de grande valia, que mereciam ser apropriadas. A vida regular, laboriosa, frugal e modesta, era uma condição indispensavel para a educação da mocidade, porque para tal missão não poderiam satisfazer os que de improviso se offerecessem sem outros precedentes que os caprichos do tempo e os habitos de uma sociedade dissipada. Mas era impossivel dar a leigos certas qualidades que possue o clero? Napoleão pensou que não, e a experiencia mostrou que tinha rasão.

« A vida estudiosa tem mais de uma analogia com a vida religiosa; ella he compativel com a regularidade de costumes e com a mediocridade de fortuna. Napoleão julgava que por via de regulamentos podia crear-se um corpo magistral, que, sem professar o celibato, se empregaria na educação da mocidade com a mesma applicação, nexo e constancia de vocação, que caracterisa o clero. Ha todos os annos nas gerações que chegam á idade adulta, como as searas crescendo sobre a terra chegam á madureza, uma porção de espiritos que contrahem o gosto do estudo, e que pertencem a familias sem fortuna.

« Reunir esses espiritos, submette-los a provas preparatorias e uma disciplina commum, chama-los e conserva-los pela expectativa de uma carreira modesta, mas certa, tal era o problema a resolver, e Napoleão não o considerou insoluvel. Elle tinha fé no espirito de corporação, e dava-lhe valia. Uma expressão que muitas vezes repetia, porque continha uma das ideias que mais impressão lhe tinham feito no espirito, era « que a *sociedade estava reduzida a pó*. » Era natural que lhe produzisse este sentimento o aspecto de um paiz em que não havia mais nem nobreza, nem clero, nem parlamento, nem corporação.

« De continuo dizia aos homens da revolução: « Sabei constituir se quereis defender-vos, porque vêde como se defendem os padres e os emigrados, animados apenas pelo ultimo sopro dos grandes corpos destruidos. » Elle queria dar a um corpo, que tivesse vida e soubesse defender-se, e cuidado de educar as gerações futuras: resolveu, fê-lo, e foi corôado de successo.

« Napoleão estabeleceu a universidade sobre os seguintes principios: uma educação especial para os homens destinados ao *professorato*, com exames preparatorios antes de se tornarem professores; entrada depois destes exames em uma vasta corporação, sem o juizo da qual sua carreira não podia ser interrompida, nem desviada, progredindo nella segundo a antiguidade e merecimento de cada um; á frente desta corporação um concelho superior composto de professores, que se tivessem distinguido por seu talento, encarregado de applicar as regras e dirigir o ensino; emfim, o privilegio da educação publica, attribuido exclusivamente á nova instituição, com uma dotação sobre as rendas do estado, o que devia ajuntar á energia do espirito de corporação a energia do espirito de prosperidade: taes foram as ideias, segundo as quaes Napoleão quiz que a universidade fosse constituida.

« Mas, experimentado como era, elle não inserio todas estas disposições em uma lei.

« Fazendo uso, com uma intelligencia profunda, da confiança publica, que lhe permittia apresentar leis muito geraes, as quaes elle completava depois por meio de decretos, segundo as lições que colhia da experiencia, encarregou Mr. Fourcroy, administrador da instrucção publica, sob o ministerio do interior, de redigir um projecto de lei, que contivesse apenas tres artigos.

« No primeiro dir-se-hia, que ficaria formada sob o nome de *Universidade Imperial* uma corporação magistral encarregada da educação publica em todo o imperio; no segundo, que os membros desta cor-

poração contrahiriam obrigações civis, especiaes e temporarias (esta palavra era empregada para excluir a ideia dos votos monasticos); no terceiro, que a organisação desta corporação, retocada segundo as lições da experiencia, seria convertida em lei na sessão de 1810. Não he senão com esta latitude de acção que se fazem as grandes cousas.

« Este projecto apresentado no dia 6 de maio foi adoptado como todos os outros com confiança e silencio; mas nós não aconselharemos que se adoptem assim as leis, senão quando houver um tal homem, actos taes, ou, o que he ainda mais positivo, uma tal situação. »

(*Diario do Governo* de Lisbôa).

Os sophismas economicos do Sr. Bastiat.

Em economia social, mais ainda do que em politica, não poderam sobreviver á revolução de 1830 as theorias puramente negativas da escola denominada liberal. Certo, ainda ha muitos economistas emperrados que affirmam que o *laisser faire e laisser passer* he por si só sufficiente para enriquecer as nações e os individuos, e inaugurar na terra a idade d'ouro, o reinado da ordem e da justiça, assim como ainda existem publicistas que proclamam que a sciencia do governo consiste em não governar, e deixar correr tudo ao acaso; mas estas doutrinas estereis estão um pouco desacreditadas. Não era possivel que os espiritos serios aceitassem uma negação dupla como a ultima palavra da economia e da politica.

E ao que se acha reduzido essa escola de J.-B. Say, outr'ora tão numerosa e compacta, tão absoluta sem seus principios, tão arrogante em suas affirmações, tão ardente na polemica? Ah! ella se dissolveu apenas falleceu o mestre. E entre tantos discipulos enthusiastas que davam tão bellas esperanças, não houve um só que solicitasse a honra de succeder ao illustre defunto. Uns, elevados pela revolução ás honras e ao poder, tornaram-se immediatamente optimistas; outros, (os mais intelligentes) tiveram a sagacidade de envolver-se no movimento contemporaneo, modificar-se convenientemente, e declarar-se eclecticos, pelo menos, a espera de melhor monção; depois resolveram-se a buscar em outra parte a solução positiva dos problemas economicos.

Entretanto, alguns veteranos, e estes mui poucos, conservaram-se firmes em torno da velha bandeira. São ainda hoje os mesmos que eram ha vinte ou trinta annos; lisongêam-se de não haverem esquecido um só dos erros antigos, de não haverem aprendido uma só das verdades modernas, de serem sempre os liberaes da velha restauração. Para esses homens, a revolução de 1830 he uma simples mudança de dynastia. Nem mesmo conjecturam a metamorphose, que, dessa época para cá, ha tido lugar no mundo das ideias, quér em philosophia, quér em politica, quér em economia social: são sempre os representantes da geração que passou.

Ha vinte annos, achavam-se elles á frente do movimento; a principio sentaram-se á beira da estrada, depois adormeceram ahi mesmo, no entretanto que a columna avançava sempre e os deixava atrás. Hoje, ei los que despertam ao cabo de prolongado somno, semelhantes aos irmãos dormilões da legenda; e, como se não vissem ninguem em torno de si, dizem uns aos outros: ainda estamos na vanguarda, dentro em pouco seremos alcançados pelo resto da tropa. Esperando, agitam-se sem avançar, marcam o passo sem mudar de posição. Se alguem caridosamente lhes exclama: « mas caminhai, vós estais muito aquém do alvo, subi ás ambulancias, se vos faltam as fôrças!... » elles respondem: segui vosso caminho, pobre insensato, e deixai-nos socegados!

Ha alguns annos, esses ecomistas ronceiros, esses veteranos da escola liberal resolveram-se a reentrar em serviço para combaterem as ideias modernas. Agruparam-se, pois, proclamaram aos seus antigos irmãos d'armas, e sobretudo aos que em 1829 estavam moços e vigorosos, depois convidaram os ambiciosos a reunirem-se em derredor do estandarte do salario e da concurrencia.

Tratava-se de reconstituir o batalhão sagrado, de estabelecer um jornal para propagar os bons principios, para trazer á rasão, de um lado os socialistas e innovadores, do outro os adversarios da liberdade illimitada do commercio.

A proclamação foi ouvida; mas, quando se reuniram para delinearem o plano de batalha, quando se aventaram as questões de principios, appareceram immediatamente graves dissenções, e a discordia invadio o campo dos membros da nova cruzada. Os veteranos propunham pura e simplesmente o programma d'outr'ora; os moços queriam, ao contrario, que se modificasse o symbulo antigo, e se adoptasse um novo programma. Prevaleceu a opinião dos velhos; os outros retiraram-se dignamente, e obraram bem. Desde então, esses schismaticos passaram a ser considerados como hereges pelos velhos, passaram a ser muito menos estimados por elles do que até então o haviam sido Isto, porém, foi por demais compensado pela opinião publica que adquiriram e pelo progresso que fizeram na sciencia.

Abandonada pelos illustres campeões com que mais contava, a escola antiga poz-se, todavia, em movimento, e intrepida travou a luta, mas sem fragor e sem successo. Tinha apenas conseguido que se fallasse della, quando de repente lhe chegou do centro da Gasconha certo joven auxiliar, energico como um neophyta, impetuoso, batalhador, e que nada mais solicitava que dar provas de coragem: esse joven he o Sr. Bastiat.

Educado, como todos os seus compatriotas, nos principios de J.-B. Say, afanou-se por hypothecar aos interesses da velha economia as primicias do seu talento. Pela dicção forte, pelo estylo militante e provocador, pelo enthusiasmo audaz das convicções, pôde elle galvanisar a coragem dos irmãos, e fez com que por alguns momentos se olhasse com attenção para o *Jornal dos Economistas*. Dentro em pouco saûdaram o Sr. Bastiat como o chefe futuro da velha escola regenerada. a guardava-se apenas um pretexto plausivel para se lhe abrirem de par em par as portas da antecamara do instituto.

Querendo galardoar pomposamente o autor dos *sophismas economicos*, o traductor dos principaes discursos pronunciados em Inglaterra pelos oradores da liga, pelo apostolo fervoroso da liberdade commercial, e ao mesmo tempo desejosa de estimular os moços ambiciosos, e indicar-lhes a vereda que conduz ás honras academicas, a academia das sciencias moraes nomeou ao Sr. Bastiat membro correspondente da secção de economia. Fazemos justiça a este Sr.; elle não adormeceu a sombra dos louros, como outros muitos. Eentão para ca, ostentou-se mais vehemente e mais activo que nunca. Sempre que se lhe offereceu occasião, jamais deixou de apresentar-se na vanguarda, de publicar cartas nas gazetas, de mostrar-se no conflicto, de ameaçar com a penna quem quér que ousou atacar os prejuizos de seu partido; sempre se conservou firme na estacada, prestes a fazer fogo de todos os lados: *argumentator utroque cornu feriens*!

Em Bordeaux, onde, ha trinta annos, a liberdade de commercio he reclamada pela associação commercial e pelos comicios agricolas, o Sr. Bastiat erige-se em Cobeden, e dos destroços da junta *vinicole* da Girondia organisa uma pequena liga; depois regressa a Paris para auxiliar a creação da sociedade dos cambiadores livres, e, entrementes, redige programmas, publica manifestos. Certo, para recompensar tanta dedicação, os eleitores da Girondia ou de des Landes deviam levar o Sr. Bastiat á camara.

Não adoptamos as opiniões economicas do Sr. Bastiat, mas louvamo-lhe essa actividade perseverante que só póde provir de uma convicção sincera. Sympathisamos com todos os homens que sem rebuço manifestam suas opiniões, e corajosamente defendem sua bandeira. A peior de todas as cousas deste mundo he a covardia intellectual, a falta de convicção ou de principios, a neutralidade ou a nullidade, tanto na economia como na politica. Quando se trata com homens francos e decididos, que pleitêam sem ambages e restricções, sabe-se logo qual o alvo a que elles nos querem conduzir, e póde-se ajuizar do systema, já quanto aos principios, ja quanto ás consequencias.

Esse livrinho dos sophismas economicos teve o merecido acolhimento Se não contém argumentos e ideias, que já não tenham sido uma e muitas vezes dilucidados pelos escriptores da escola liberal; todavia, a clareza e a fôrça da argumentação, a fórma pithoresca que em muitas occasiões reveste a lugares communs, tornam agradavel a sua leitura, e comprovam que o escriptor tem merito real e incontestavel.

Demais, esse livro foi, sobre tudo, escripto para toda a gente, a saber: povo, burguezes, legisladores, mais ou menos estranhos á economia, e cuja intelligencia ainda se acha obstruida de velhos prejuisos. Por isso, pois, não censuramos ao Sr. Bastiat o haver combatido erros antigos que ha muito tempo não teem autoridade na sciencia. Mas, se o Sr. Bastiat, houvesse escripto para os economistas propriamente ditos, certo lhe não perdoaramos o terse dado ao inutil trabalho de refutar o systema da balança e as theorias caducas da escola mercantil, porque ha bem um seculo que Luesnay reduzio a pó todos esses sophismas.

O Sr. Bastiat refutou os economistas do seculo passado; o que, quanto a nós, era quasi superfluo: resta-lhe responder aos economistas modernos, que, no nosso pensar, teem atacado, teem até aniquilado completamente a theoria da escola liberal. Os importantes adversarios da liberdade commercial absoluta, ou da desordem economica, não são os Srs. Bugeaud, Ferrier, de Saint-Cricq, Saint-Chamans e outros; são, entre os theoricos, os homens que não crêem na infallibilidade da concurrencia e do *laisser faire*, como meios de conciliar os interesses oppostos, de constituir a ordem e a justiça economicas, e que propõem outro abitrio que não a conservação das prohibições, a restauração dos mestrados e dos antigos regulamentos, ou que não a esteril e commoda formula do *laisser faire*; he, para não fallarmos dos socialistas que o Sr. Bastiat deciara não ter podido comprehender, e que talvez ainda não leu, he, dizemos, um antigo discupulo d'Ad. Smith, o Sr. de Sismondi, que ao depois refutou em parte as doutrinas de seu mestre, assim como as de todos os discipulos desse mestre, que se constituiram liberaes e fatalistas.

Basta ao Sr. Bastiat uma pequena brochura de 160 paginas para refutar os sophismas da escola prohilitiva ou protectiva. Ao Sr. de Sismondi foram precisos 4 volumes em 8.º para refutar os principaes sophismas da escola liberal, que são os mesmos em que ainda hoje se basêa o Sr. Bastiat. Ah! certo, o Sr. de Sismondi era muitissimo digno da honra de uma resposta, e uma economista liberal não devia arreceiar-se de descer de sua dignidade por entrar em liça com tão nobre e illustre campeão! He verdade que o Sr. de Sismondi pouco sophismou, e que, isto supposto, as suas obras deviam de ser excluidas do quadro e do programma do Sr. Bastiat.

Pois bem! he um nôvo trabalho a emprehender, trabalho difficil, ante o qual teem recuado até o presente os economistas contemporaneos; porém digno, a todos os respeitos, de tentar a coragem de um homem convencido, que aspira a celebridade. Doutores da escola liberal, o Sr. de Sismondi minou vossas doutrinas pela base, reduzio toda a vossa sciencia a questão; oppoz principios novos aos vossos principios; condemnou vossa famosa theoria das franquias, vossas illusões sobre a liberdade absoluta das trocas ou permutas de generos, &c., &c; e, desde 1817, ainda ninguem lhe respondeu. Nada tendes que redasguir-lhe?

Nenhuma fôrça teem contra o Sr. de Sismondi vossos racioeinios sobre a escassez e a abondancia, sobre o obstaculo e a causa, sobre o esforço e o resultado, sobre o fim e os meios, &c., &c.; ferem-vos, porém, mui directamente os argumentos do Sr. de Sismondi, a respeito da concurrencia e do salario, das machinas, das rendas, da necessidade de equilibrar a producção e o consumo, &c., &c. Logo, senhores da escola liberal, deveis defender-vos, porque estais em completa derrota. Todas as vossas fôrças reunidas não são demasiadas, não são mesmo sufficientes para resistir ao Sr. de Sismondi: para vós, ha muito que a batalha está perdida. Se vos apraz, carregai, na retirada, sobre os economistas do seculo passado, exercei contra elles o espirito de vingança que vos possue; n as vosso reinado acabou; as sociedades modernas não estão dispostas a abraçar vossos conselhos, a se deixar guiar por vós, a reduzirem a pratica vossas theorias illusorias e subversivas; e quanto ás gerações novas, ellas vos não acompanham, porque dais as costas ao futuro.

Allegais frequentemente o exemplo da Grão-Bretanha; fallais da lei dos cereaes e das refórmas effectuadas pelo ministerio inglez, como se a Inglaterra estivesse disposta a abrir os portos e os mercados aos navios e aos productos de todos os paizes; como se a Grão-Bretanha não fosse a terra classica da protecção e das restricções; como se o Acto da navegação houvesse sido abolido. A Inglaterra tem prégado e aconselhado aos outros povos a liberdade commercial, afim de augmentar a respectiva exportação por isso que a sua existencia está toda dependente da condição de ser-lhe possivel provêr o globo dos productos da sua industria; mas a Inglaterra ainda não poz em pratica os principios que recommenda ás outras nações. A refórma das tarifas, que acaba de ser votada, reduzio mas não supprimio os direitos sobre os estofos de algodão e outras mercadorias que a Grão-Bretanha póde vender a preços mais baixos que os de qualquer outro paize, e cuja concurrencia nada tem a temer; e, isto não obstante, a lei refórmada garante ao productor inglez o premio de 1 f. 25 cent. de hectolitre, quanto aos cereaes, (exclusive as despezas de transporte) e o de 15 % quanto aos objectos manufacturados!

Quanto ao famoso Acto de navegação, que ha poderosamente contribuido para augmentar o podêr maritimo e commercial da Grão-Bretanha, não foi corrigido pela refórma. Releva, pois, não affirmar que o parlamento inglez tem adoptado os principios dos theoricos da liberdade das permutas dos generos: elle nada mais fez que modificar as tarifas das alfandegas, o que he muito diverso!

Poder-se-hia fazer a contra-partida dos sophismas do Sr. Bastiat, e acompanha-lo passo a passo; mas, para isso, seria preciso escrever um volume. E nós tambem nos educámos nos principios da liberdade do commercio! Ha quinze annos, ouvimos os proprietarios e negociantes da Girondia atacar o regimen prohibitivo e as alfandegas; temos ouvido reclamar a abolição das alfandegas do norte e da meiodia da França; temos conhecido todos esses agitadores cujas astucias hão feito tanto barulho; temos discutido com elles; sabemos o que entendem por interesse geral, por principios de uma verdadeira economia, &c., &c.; e tambem sabemos quaes os meios de obter popularidade entre elles.....

A respeito de economia, o primeiro livro que li foi o *Tratado de J.-B. Say*; o segundo, o *Curso de J.-B. Say*. Oh! então, parecia-me indisputavel a theoria liberal, e, cheio de convicção, voluntariamente houvera emprehendido, como o Sr. Bastiat, sustentar, ante e contra todos, a doutrina do *laisser faire*. Immediatamente depois, li Ad. Smith, e minha fé vacilou; em seguida li Sismondi, e desabusei-me completamente, e desappareceram as minhas ultimas illusões. Ao depois li muitos escriptores da escola liberal, sem que nunca os seus argumentos me podessem convencer, sem que tivessem outro effeito que o de impressionar-me por alguns momentos o espirito. Tenho visto muitos liberaes transformarem-se em criticos, ecleticos, scepticos e socialistas: ainda não vi um economista seguir outra vereda, e isto he muito natural, porquanto o movimento das intelligencias he sempre progressivo e nunca retrogrado.

Póde alguem estrear pelo liberalismo; póde, mesmo, passar de um systema puramente negativo a um systema positivo qualquer, e, na ordem das theorias positivas, abandonar uma por outra; mas quem quér que se tiver compenetrado das ideias positivas, quem quér que houver comprehendido pela primeira vez a impotencia dos meios negativos, os inconvenientes da concurrencia e do salario, por exemplo, jamais regressará á theoria do *laisser faire*, jamais admittirá que as cousas possam per si mesmas caminhar do melhor modo possivel, jamais concederá que o papel do economista deva limitar-se a verificar factos, que a sciencia do estadista consiste em conservar-se neutro, de braços cruzados, e em consentir que os abusos e a desordem se desenvolvam, que o mal empeióre, que a miseria invada todo o mundo

Esta evolução logica e natural, a cuja fôrça nós e outros muitos não podêmos resistir, segundo nos parece será inevitavelmente seguida pelo Sr. Bastiat. Póde alguem ser sectario do liberalismo por poucos momentos, mas não he possivel que o adopte para sempre, a menos que a intelligencia esteja muito fatigada de indagar, e sinta necessidade de repousar a todo o custo, ainda mesmo sobre o travisseiro da negação puro.

Estamos convencidos de que, cêdo ou tarde, o Sr. Bastiat comprehenderá, que, para melhorar a sorte dos nossos semelhantes, augmentar a riqueza, crear a abundancia e chamar toda a gente a participar progressivamente do bem-estar, dos beneficios da educação, dos gozos sociaes, cumpre *trabalhar e trabalhar muito*, e não deixar que as cousas caminhem per si mesmas; comprehenderá que releva saber e prever, dirigir e velar, organisar emfim, e não abandonar tudo ao acaso, á aventura, á imprudencia, e não pôr-se inteiramente á disposição dos interesses privados que se chocam entre si, da ignorancia, da incuria, da ma vontade de cada individuo; comprehenderá que a liberdade da permuta dos generos póde ser um resultado, mas nunca será um meio, que ella pressuppõe garantias de ordem e de justiça, instituições economicas que ainda não existem; comprehenderá, affim, que essa liberdade commercial absoluta, que hoje solicita, he e será uma utopia, e uma utopia perigosa, pois que póde introduzir a perturbação na industria, occasionar catastrophes, deslocar a riqueza para enriquezar a uns a custa dos outros, comprometter a existencia de muitos milhões de individuos.

Os economistas liberaes não fallam senão de barateza e abundancia! Ah! certo, cumpre multiplicar todas as especies de riqueza, porque nunca se as multiplicará de mais; cumpre produzir muito, e simplificar as despezas e os processos da producção; mas isto não basta: releva que ao mesmo tempo se concorra para que, por seu trabalho, possa cada homem conquistar o direito de participar dessas riquezas, visto como contribue para crea-las Ora, para consumir, não basta ter desejos, he tambem necessario dispôr de *meios*. Carestia e barateza são termos relativos. Sempre que eu nada possua, o pão será caro para mim, ainda que esteja a um centesimo por kilogramma! Emquanto os generos e mercadorias se venderem e se não derem, que importa a mim, operario, a abundancia de que fallais, se não tenho rendimento algum, se me faltam os meios de consumir, se não acho em que ganhar a vida? Que me importa a barateza de todas as cousas, se as minhas rendas tambem estão reduzidas?

Quero contribuir para a abundancia, uma vez que participe della; applaudo a barateza, com tanto que ella me aproveite; mas, se a abundancia deve custar-me augmento de trabalho, ao passo que a barateza acarretar-me-ha diminuição de salario, então digo: A abundancia e a barateza são perniciosas aos operarios, e apenas aproveitam aquelles, cujos rendimentos se conservam os mesmos, aos que vivem de suas rendas, aos que não precisam de trabalhar para viver! Se chamais ao trabalho *um obstaculo*, e se vos propondes a estabelecer uma machina para aniquilar esse obstaculo, decido-me pela vossa opinião, com tanto que o trabalhador, cuja funcção vai ser inutilisada, fique com proporções para poder viver a custa de seus braços ou sem trabalhar, ou seja admittido a participar dos productos da machina; porque, se o operario tem de ficar reduzido a morrer a fome, ver-me-hei na necessidade de deplorar a perda do obstaculo d'outr'ora, e de amaldiçoar vossa invenção que supprime e sacrifica homens, sob o pretexto de economisar despezas!

Quando os economistas liberaes dizem: Toda a gente não produz, mas toda a gente consome; logo, o interesse do consumidor he o interesse geral: quando os economistas assim se exprimem, dizemos, usam de um sophisma; esquecem que os 5/6 dos consumidores não teem outra renda senão o producto do seu trabalho quotidiano, que não podem consumir senão depois de terem produzido e pelo que houverem produzido; não comprehendem, emfim, que abstrahir dos productores para considera-los como meros consumidores, nada menos he que sacrificar o interesse da maioria ao da minoria; tomar por interesse geral, ou ao menos do maior numero, o interesse de alguns privilegiados.

E agora venham accusar-nos de defendermos o systema prohibitivo, de advogarmos a causa do privilegio e do monopolio. Repellimos a priori o systema negativo da liberdade absoluta, exigimos leis e regras; mas não queremos que a lei autorise uns a viverem á custa dos outros, tolere a injustiça e consagre abusos. No mundo em que vivemos, dá-se hostilidade flagrante entre os interesses diversos. Emquanto se não houver descoberto o meio de tornar solidarios esses interesses, o unico avittre a adoptar he recorrer as transacções, aos compromissos, impôr a cada um de nós obrigações que possam concorrer para o bem da communidade. Presentemente, acham-se as nações em estado de guerra industrial, e essa guerra póde fazer tantas victimas como a dos campos de batalha. As alfandegas formam uma linha de defesa, destinada a abrigar dos assaltos dos rivaes estrangeiros a uma parte de nossos compatriotas, e todos nós contribuimos, mais ou menos, para as despezas desse systema defensivo, assim como contribuimos para a sustentação do exercito e dos cargos do estado.

He util, he até rasoavel modificar devidamente as tarifas, diminuir os direitos tanto quanto podermos sem arriscar e sem comprometter os interesses reaes do paiz; he justo que se acabe com esses premios exorbitantes que enriquecem certos especuladores a expensas do publico; que, por meio de tratados, os povos regulem entre si as trocas dos generos e mercadorias; mas fôra uma loucura decretar a abolição das alfandegas, sacrificar nosso commercio e nossa industria ao commercio e á industria de nossos rivaes. Cumpre que caminhemos pela senda das refórmas, e não pela vereda das revoluções.

Concedo que, em definitiva, os productos troquem-se sempre por productos, que cada povo venda tanto quanto comprar, e que, por conseguinte, a nação, considerada abstractamente, nada perderia com a liberdade das trocas; mas essas compensações de cifras me não podem satisfazer. Concedo que, sob o regimen da liberdade, a França venderia aos Inglezes tantos vinhos e manufacturas de Paris quantos fossem os estofos de algodão e quincalharias que lhes comprasse; concedo que os nossos vinhateiros e commissarios, que os mercadores e fabricantes inglezes, conseguiriam grandes e reciprocas vantagens; concedo ainda, que o vinho viria a obter tão bom preço em Inglaterra quanto a teia de algodão em França; concedo, emfim, que os estatisticos poderiam verificar orgulhosos um augmento em nossas importações e exportações, e exclamarem: « A França enriqueceu! »

Mas pergunto: qual a indemnisação que destinais aos industriosos arruinados e a tódos os pobres operarios que perderem os meios de ganharem o pão? Contentar-se-hão com dizer-lhes: « Na verdade estais reduzidos á miseria, compadecemo-nos sinceramente de vossa sorte; mas os mercadores de vinhos e de raridades ganharam mais do que isso que perdestes, o que para o paiz he compensação mais que sufficiente. Agora, safai-vos do embaraço como poderdes. Procurai trabalho: os vadios são os unicos que o não acham! Mudai de officio e residencia, se assim he preciso; transformai-vos em vinhateiros; ide para o Meiodia, onde a agricultura prospéra; ide para onde quizerdes. Demais, não estamos obrigados a curar de vossa existencia. »

Responderão os economistas liberaes, que o que ora solicitam he uma simples refórma. Isto he verdade; não ha um só que hoje reclame a applicação immediata da liberdade illimitada. Mas não he menos certo, que he sómente em nome dos principios que combatemos o seu systema, se assim se o póde chamar. Quanto a elles, sendo a concurrencia uma cousa excellente em si mesma, seria para desejar que se tornasse geral, universal, que se podesse praticar de nação á nação assim como de individuo a individuo, sem restricção, sem censura; seria para desejar que o *laisser faire* absoluto viesse a ser a lei suprema da industria e do commercio: então, a liberdade nasceria do excesso da desordem economica, mas sem isso ella não póde subsistir. -- Eis vosso ideial! -- Mas não he o nosso.

Comprazemo-nos de acreditar que os economistas da escola liberal teem as melhores intenções, obedecem a sentimentos nobres e generosos; mas cremos que elles levam caminho errado, que, em vez de approximarem-se, desviam-se do alvo; cremos que a felicidade humana não depende exclusivamente da liberdade das permutas; cremos *até*, que, ao presente, não he nisto que consiste a verdadeira questão economica.

Terminando, diremos ao Sr. Bastiat:

Em economia, assim como em politica, onde não existe ordem he impossivel que haja liberdade. Dia virá em que desperteis de vossas illusões; dia virá em que comprehendais que cumpre estabelecer a ordem na producção, a justiça na distribuição, que releva regularisar as permutas. A verdadeira liberdade he essa de que todo o mundo póde gozar, que he garantida pelas instituições e pelos costumes; he a liberdade positiva e permanente, a liberdade na ordem ou a liberdade organisada. Quanto á outra, essa que desejais, he a licença, he a desordem. he a anarchia. Pois bem! a anarchia industrial e commercial não he preferivel á anarchia politica. Ella não póde aproveitar senão a alguns, isto he, á minoria, e damnificará aos outros.

Dadas certas circumstancias, a anarchia póde ser toleravel; mas estabelecê-la como principio, apresenta-la como o ideial de uma sociedade perfeita, he cousa incomprehensivel.

F. Fidal.
(*Presse.*)

CARACTER DAS OPINIÕES DA EUROPA—1688 A 1690.

A marcha das opiniões he o mais solemne estudo da historia: os governos, os factos, os incidentes politicos gravitam debaixo desta poderosa energia das opiniões, e estas se modificam, se transformam no circulo invariavel da autoridade e da liberdade, dualismo eterno que entre si disputa o mundo. O 17.º seculo tinha visto grandes esforços, uma reacção energica do catholicismo contra a refórma em França, a revogação do edito de Nantes; em Inglaterra, a tentativa de Jacques II para restabelecer o papismo. Se o poder absoluto de Luiz XVI tinha conseguido ferir a refórma, os Stuarts lá se achavam no exilio, porque a reacção que elles meditavam tinha encontrado muitos interesses hostis ao restabelecimento da hierarchia romana; Guilherme III e a revolução de 1688 haviam sido a expressão desta resistencia das opiniões e dos factos contra os

projectos de um principe que os offendia de frente.

A unidade catholica quasi que absolutamente tinha vingado em França, a organisação da igreja se conservára em toda a sua fôrça em suas vinte e cinco metropoles desde Lyon e Reims, as antigas primazias, até a diocese de Paris, mais do proximo elevada ás honras de sé metropolitana. Quando os viajantes percorriam as provincias francezas dos Peryneos ao Rheno, encontravam em todo o paiz o aspecto catholico; as cidades, os monumentos, as praças, as ruas, as feiras, os mercados, tudo tinha o nome de algum Santo, tudo se abrigava sob sua antiga protecção. Esta tenaz organisação religiosa comprehendia os pensamentos e as emoções da vida. As festas solemnes, os recreios da mocidade, as fraquezas e as dôres da velha idade, a peregrinação aos oratorios, a corporação da cidade, bem como a associação dos officios, tudo se ligava ao pensamento catholico, de que a cathedral era o velho symbolo no meio de suas populações provinciaes. Esta grande linha de basilicas, esta longa e magnifica ouréla de naves, de egivas corôadas de cruzes, de Santos de severo porte, de virgens adoradas, esta petrificações, por bem dizer, de toda uma crença popular, fazia da França um paiz essencialmente catholico.

Por além dos Pyreneos, a mesma crença se mantinha poderosa. Na Hespanha o catholicismo se confundíra com a restauração das liberdades nacionaes. Não eram os Mouros senhores de Castella, de Aragão, de Valença e de Granada, quando alguns nobres e bravos cavalleiros christãos, sahindo das montanhas das Asturias, libertaram a Hespanha da dominação estrangeira? Tudo se constituira de então em virtude do principio religioso; a pomposa cathedral de Burgos, toda de marmore, cheia de lampadas de ouro por cima dos tumulos dos condes de Castella, era um monumento que recordava as mil façanhas do povo; era seu orgulho e gloria! De Sevilha a Valença, de Granada a Salamanca, quasi todas as igrejas haviam sahido das mesquitas; os minaretes donde o muezzin chamava ha pouco os crentes ás orações do crepusculo, repitiam então o som dos sinos de prata. Os relicarios eram incrustados de ouro com o rico punho da cimitarra, ou a pedra preciosa que brilhava no turbante dos Abencerages, os inimigos dos christãos de Hespanha. O oratorio de S. Jacques de Compostella era o antigo hospital onde os cavalleiros se curavam das feridas que haviam recebido pela defensão da patria. S. Ignacio de Loyola não era um bravo guerreiro derribador de Mouros? Não existia, pois, igreja que não fosse uma reminiscencia nacional, uma bandeira dos grandes dias da liberdade: não havia uma instituição que não respirasse este espirito, mesmo até a inquisição, especie de policia introduzida depois das lutas violentas do povo contra a usurpação estrangeira. Todo o systema triumphante trata os vencidos como a inimigos, quando o unico signal de reconhecimento para a salvação da patria era a cruz, não era de admirar que uma policia cruel perseguisse as consciencias duvidosas, esses falsos christãos que faziam votos pelos Mouros da Africa. Quando a conquista entra violentamente por um povo, e o expelle de suas possessões, estabelece-se naturalmente um systema de alta vigilancia e de inquisição, porquê este systema está ligado á segurança do estado. Em politica, como em opiniões religiosas, ha tribunaes extraordinarios para as circumstancias excepcionaes; a fôrça defende a sua obra. Os governos precisam de velar em sua conservação; os Mouros eram inimigos; proscreviam-os, porque o islamismo estava ainda poderoso, e houvera de tentar novas invasões na Hespanha. Os Turcos assediavam Veneza, os Mouros da Africa podiam entrar pela Andaluzia e subjuga-la como o haviam feito seus gloriosos avós, e os Hespanhóes queriam evitar as catastrophes.

O principio catholico devia dominar na Hespanha, porque se ligava á victoria, á grande época da liberdade, e esta conformidade de opiniões devia na successão dos tempos abaixar os Pyreneos. As repugnancias entre Francezes e Hespanhóes nasciam de circumstancias politicas; zombava-se dos soldados castelhanos desde a liga, nos dias em que Condé precisava batê-los em campo aberto de Flandres, ou da Lorena; mas a Hespanha conservava diversos pontos de contacto com a França. Fallava-se o hespanhol no côrte, suas infantas se haviam sentado no throno, sua litteratura dominára os costumes e o espirito do seculo 16.º e 17.º; accrescente-se a conformidade de crença, e então se explicará a felicidade com que as armas de França expelliram as dos archiduques e as dos Inglezes na Peninsula por occasião das questões do testamento de Carlos II; as reminiscencias da casa de Austria e de Carlos V não poderam lutar contra a intimidade religiosa e a intelligencia do mesmo culto que animavam as populações dos dous lados dos Pyreneos.

(*Continuar-se-ha.*)

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 23	3:064,208

Descarregam hoje, 24.

Brigue -- *Courad* -- mercadorias.
Brigue -- *Robim* -- idem.
Brigue -- *Olinda* -- barricas abatidas e em pé.
Brigue -- *Atheus* -- mercadorias.

IMPORTAÇÃO.

Olinda, brigue americano, vindo de Boston, entrado neste mez, consignado a Henrique Forster, manifestou o seguinte:

114 toneladas e 685 libras gêlo, 7 caixas relogios de parede e seus pertences, 1 cadeira da China, 3 barricas farinha de trigo, 2518 barricas abatidas, 5 caixinhas diversos objectos, 1 barril ganchos e ilhós de ferro, 9 caixinhas e 3 embrulhos machinas, 8 arados, 1 barrica e 1 caixinha candieiros, 3 caixas pedras de sepultura, 1 caixinha medicina, 155 barricas com tampos, 1 sacco com 44 pesos, 1 roda de esteiras da India, 1 embrulho com tres peças de panno de linho, 1 caixinha sementes; aos consignatarios.

Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 23.

Geral	1:662,947
Diversas provincias	164,762
	1:827,709

Movimento do Porto.

Navios entrados no dia 23.

Pará; 17 dias e 19 horas, e da Parahiba do Norte 12, paquete de vapor *Pernambucana*, de 240 toneladas, commandante João Militão Henriques, equipagem 29. Passageiros: para esta provincia, João Paulo Gomes de Paiva e Pinho, padre João Barboza Cordeiro, Manoel José Cardoso, Brasileiros; Augusto Zietz, Suisso; Joaquim da Silva Coelho, Joaquim Pereira Guimarães, Portuguezes; e sete escravos a entregar: para o sul, o escrivão da armada nacional Francisco Coelho da Costa, Brasileiro; Domingos José da Costa Freitas, Portuguez; e quatro recrutas para a marinha e exercito.

Liverpool; 46 dias, galera ingleza *Letitia*, de 408 toneladas, capitão Edward Thorp, equipagem 19, carga carvão de pedra.

Navios sahidos no mesmo dia.

Bahia; sumaca brasileira *Flor-de-Angelim*, capitão Bernardo de Souza, carga varios generos.

Liverpool por Maceió; barca ingleza *Isabel*, capitão William Webster, carga lastro de assucar.

Rio-de-Janeiro pela Bahia; barca ingleza *Letitia*, capitão Edward Thorp, carga a mesma.

Maceió; brigue inglez *Thomaz-Battersby*, capitão William White, carga a mesma.

Observação.

Entrou para o Mosqueiro a barca ingleza *Hopewell*, capitão James Newton.

Declarações.

-- De ordem do Sr. coronel commissario pagador se declara, que o annuncio para o contrato do fornecimento d'agoa para a fortaleza do Brum e do Buraco, publicado no *Diario* de 23, para os dias 24 e 25 deste mez, se entenda para os dias 27 e 28 do mesmo.-- Pagadoria militar de Pernambuco, 24 de setembro de 1847. -- No impedimento do escrivão, *João Arcenio Barboza.*

-- O segundo batalhão de guardas nacionaes do municipio do Recife precisa engajar dous cornetas que tenham boa conducta: quem estiver neste caso, dirija-se a rua da Cadeia, em Santo-Antonio, n. 13.

Contratos a celebrarem-se com a thesouraria das rendas provinciaes no corrente mez de setembro.

DIA 25.

O da continuação da obra do caes do Ramos, avaliada em réis 7:182,000. — Os trabalhos far-se-hão de conformidade com os riscos e orçamentos já approvados; encetar-se-hão dous mezes depois de validado o contrato, e findar-se-hão ao cabo de seis mezes. — O pagamento realisar-se-ha na fórma do disposto no artigo 15 do regulamento das arrematações. — O prazo de responsabilidade será de um anno. — Fixar-se, emfim, o contrato com aquelle dos concurrentes que por menor preço se comprometter a fazer a obra.

DIA 30.

O do estabelecimento de uma linha de omnibus, que, na fórma da lei provincial n. 191, facilite o transporte desta cidade a qualquer dos seus arrabaldes e á de Olinda.

Publicações Litterarias.

PORTUGAL.

Recordações do anno de 1842, pelo principe Lichnonsky, traduzido do allemão, segunda edição correcta e annotada.

O consumo rapido da primeira edição, e a sua procura por muitas pessoas que ficaram sem ella, induzio o traductor á reimpressão d'esta obra curiosa, que contém a apreciação dos caracteres mais notaveis do paiz, dos seus acontecimentos politicos, monumentos e lugares principaes, feita por esse principe prussiano, que alli viajou no anno citado. Esta interessante obra, que contém 220 paginas, vende-se por 1,000 rs., na rua da Cruz, n. 7, segundo andar.

-- Acaba de sahir do prelo um novo compendio de *Chronologia*, extrahido de differentes autores, por L. P. Cavalcante Vellez de Guevara. Vende-se na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8., Preço 500 rs.

Avisos maritimos.

-- Para o Ceará, tocando no Aracaty, seguirá impreterivelmente, até o dia 5 do vindouro mez, o brigue-escuna *Henriqueta*, mestre José Joaquim Alves da Silva: os pretendentes que ainda nelle quizerem carregar, ou transportarem-se, se entenderão com o mesmo mestre, ou na rua da Cadeia do Recife, n. 17, segundo andar.

— Para a Bahia sahe a sumaca *S.-Antonio-de-Padua*, pregada e forrada de cobre, e bem conhecida pela rapidez de suas viagens: para carga e passageiros trata-se na rua do Vigario, n. 5.

— Para o Aracaty tem de seguir viagem, impreterivelmente até o fim do corrente mez, o hiate *Novo-Olinda*, tendo ja a maior parte de sua carga a bordo e tratada: quem ainda nelle quizer carregar, falle com o mestre do mesmo, Antonio José Vianna, no trapiche novo.

-- Vende-se o hiate *Tres-Irmãos*, prompto de um tudo a seguir viagem: a fallar na rua da Cadeia, loja de João José de Carvalho Moraes.

— Para a Bahia segue até o fim do corrente mez o veleiro hiate *Tentador*: para carga ou passageiros, trata-se com Silva & Grillo, na rua da Moeda, n. 11.

— Para o Assú a barca nacional *Tentativa-Feliz* está a sahir até o dia 25 do corrente: para carga ou passageiros, para o que tem os melhores commodos, trata-se com Silva & Grillo, na rua da Moeda, n. 11.

— Para o Rio-Grande-do-Sul tenciona sahir breve o brigue *Mercantil*; póde receber alguma carga, assim como escravos e passageiros: quem no mesmo quizer carregar póde entender-se com Amorim Irmãos, rua da Cadeia, n. 45.

Avisos diversos.

-- Quem precisar de uma ama para casa de pouca familia, dirija-se a rua do Cotovello, n. 16.

-- O quarto do bilhete n. 2131 a beneficio da N. F. de N. S. da Gloria do Rio-de-Janeiro pertence ao Sr. Joaquim Marques Damasio, da Parahiba.

-- O abaixo assignado está autorisado para receber as contas da casa de estabelecimento de Miguel Esteves Alves & Companhia: por isso pede aos Srs. que tenham contas com a mesma casa, para não entregarem os seus importes aos caixeiros e mais empregados della, e sómente ao abaixo assignado, que he o competente.

Joaquim Antonio de Faria Barboza.

-- Aluga-se o primeiro andar do sobrado da rua do Rangel, defronte da botica: a tratar na rua do Cabugá, loja de Joaquim José da Costa Fajoze.

-- Precisa-se de um caixeiro para venda, que tenha pratica, e que dê pessoa que afiance a sua conducta: na rua do Livramento, n. 38.

-- Dá-se 1:800,000 rs. a premio, sobre firmas a contento, ou sobre penhores de ouro ou prata: na rua da Conceição da Boa-Vista, n. 9, se dirá quem dá.

-- Ainda estão para alugar as casas no sitio do Cajueiro, para quem as quizer por anno, ou por festa, com banho pérto das casas: a tratar no mesmo sitio.

-- Por execução de Francisco X. Martins Bastos se ha de arrematar, na primeira praça do Sr. doutor juiz do civel, um escravo do finado Manoel Luiz da Veiga.

-- Por execução de José Gonçalves Ferreira e Silva, se hão de arrematar na primeira praça do Sr. doutor juiz do civel da primeira vara varios moveis penhorados a Manoel Francisco Soares.

-- José Ribeiro de Brito embarca para os portos do sul do imperio o seu escravo Benedicto, preto africano.

-- D. Bernardina Barboza de Sena Brito embarca para os portos do sul do imperio o seu escravo João, preto africano.

-- Manoel Pereira Teixeira embarca para os portos do sul do imperio o seu escravo preto africano, de nome Amaro.

ROUBO.

Da sala da frente do primeiro andar da casa n. 28 da rua das Cruzes, roubaram, na manhãa do dia 23 do corrente, os seguintes objectos: uma casaca de panno azul, com gola de sarja e botões amarellos; um palitou de merinó verde-escuro, com gola e punhos de sarja de listras; uma calça de panno preto; outra dita de casimira côr de ganga, com quadrinhos miudos; um chapéo branco sem pello; uma camisa de madapolão fino, com peito de pregas miudas, tendo em uma das pontas da fralda as iniciaes J. C. M. A.; um par de botões de ouro, de punho, lavrados; dous botões de camisa, com pedrinhas verdes; um par de fivelas de prata, lavradas, em uns suspensorios, ja usados; um collete de setim preto e outro de fustão branco bordado, com a competente fivela de prata; um lenço de seda encarnada, de gravata, com barra branca; e um outro de gravata, tambem de seda azul, com listras côr de ouro. Quem dos referidos objectos souber e os quizer levar a casa acima, será gratificado: e previne-se que se protesta contra quem for achado em seu poder qualquer dos ditos objectos.

-- Furtaram, do engenho Pindobinha, no districto de Ipojuca, um quartão ruço, com marcas de cangalha, um pouco magro de muito trabalhado, capado, pouca clina, e o principal ferro que tem he um M e um B na perna direita, bem distincto, porque sobre a marca nasceram cabellos vermelhos; ou pardos, o que tem em algumas partes do corpo, aonde teve feridas.

Laurent Pugi, marceneiro francez

tem na sua loja da rua Nova, n. 45, além de um grande sortimento de mobilia, uma porção de vidraças e fiteiros de todos os tamanhos e qualidades, muito proprios para loja, por preço muito barato. O mesmo precisa de 2 bons officiaes de marceneiro.

-- Precisa-se de um Portuguez capaz, que saiba trabalhar de enxada, e tirar leite, para estar em um sitio muito perto da praça: na rua de Augusta, n. 60.

--- Quem precisar de um caixeiro para venda, do que tem bastante pratica, e que prefere ir para fóra da praça, ou mesmo para fóra da provincia, annuncie por esta folha.

-- Rebatem-se ordenados de empregados publicos, soldos, congruas e lettras de boas firmas: tambem da-se dinheiro a premio sobre hypothecas, por menos do que ninguem e sem usura: na rua Direita, n. 50

--- Permuta-se um pequeno sitio, muito proximo á matriz da Varzea, e ao rio Capibaribe, com casa de vivenda que contém duas salas, quatro quartos e estribaria, com muitas arvores fructiferas, e uma baixa, por uma casa terrea nesta cidade; voltando-se de uma ou de outra parte o que se convencionar: quem lhe convier este negocio, dirija-se á rua estreita do Rozario, n. 19, onde se dirá quem o faz.

--- Antonio Carlos Pereira de Burgos Ponce de Leon faz publico, que mudou a sua residencia da rua Direita, sobrado n. 29, para a Soledade, sitio da Cascata, do Exm. Sr. barão de Itamaracá; portanto quem com elle se quizer entender, dirigir-se-ha ao dito sitio, ou nesta praça a casa de seu procurador, o Sr. Manoel José de Sant'Anna Araujo, na travessa do Sarapatel, sobrado n. 16.

— Precisa-se de uma ama para uma casa de pouca familia: na rua da Paz, outr'ora rua do Carmo, casa terrea, n. 30.

-- Aluga-se uma casa no Monteiro, a beira do rio Capibaribe, com duas salas, corredor ao meio e outro ao lado, 6 quartos, um delles tem pratelheiras e serve de dispensa, cozinha fóra, estribaria para dous cavallos, um quarto com tarimba para pretos, e outro quarto no fundo do quintal, que serve para despejo, quintal murado: a tratar no Aterro-da-Boa-Vista, n. 37, terceiro andar.

-- Aluga-se um bom sitio, por ser muito perto da praça, com boa casa, baixas para capim, muitos arvoredos de fructo, boa agoa para beber e lavar roupa: a fallar na rua da Praia, venda n. 46.

-- Alugam-se as seguintes casas: duas pequenas casas terreas, na rua do Sebo, ns. 52 e 54, por oito mil rs. mensaes; uma dita terrea na Soledade, n. 35, com bastantes commodos para grande familia, por 12,000 rs. mensaes: a tratar na rua da Aurora, n. 26, escriptorio de F. A. de Oliveira.

-- Offerece-se um moço portuguez para caixeiro de padaria, do que ja tem pratica, ou para armazem de assucar, ou mesmo para algum engenho perto desta praça, o qual da fiador a sua conducta: quem o pretender dirija-se ao pateo do Terço, n. 4.

LOTERIA DO THEATRO.

O dia 1.º de outubro proximo futuro he o designado para o andamento das rodas desta loteria, cujos bilhetes se acham a venda nos lugares do costume. Devem os apaixonados deste jogo concorrer para que se realise este acto naquelle dia, comprando os bilhetes que de resto existem, sem esperar que haja, como nas anteriores, uma sociedade que os tome a sua conta; porque, ainda no caso de que esta se organise, e fique com os bilhetes que restarem, nunca os venderá por sua conta, porque para este fim o thesoureiro da loteria não lhe permittirá prazo algum, e fará andar logo as rodas.

-- Desappareceu, do trapiche do algodão, em julho p. p., uma canôa aberta, quasi nova: quem della souber queira dar noticia na rua da Moeda, n. 11, que será recompensado.

-- Se alguem se julgar com direito de hypotheca, penhora, ou outro qualquer negocio na casa da rua de Agoas-Verdes, n. 53, pertencente ao Sr. Manoel Ignacio, estabelecido na praça da Independencia, com loja de funileiro, declare por esta folha no prazo de tres dias.

-- O Sr. Benjamim Frankelim de Sá Cavalcante faça o obsequio de apparecer na Boa-Vista, no armazem da Senhora D. Joanna, que um seu patricio lhe quer fallar, a negocio de seu interesse.

-- Precisa-se alugar um preto que seja diligente: no Passeio-Publico, casa que tem bilhar.

--- Antonio José Malheiro retira-se para o Rio-Grande-do-Sul.

-- Claudino José Pereira Pacheco acaba de receber um completo sortimento de calçado do muito acreditado autor Pacovio: bem como uma porção de borracha em differentes fórmas para diversos usos: tudo por preço commodo: á tratar na rua da Cadeia-Velha, loja de fazendas, n. 32.

— O Sr. J. R. S. queira ir, ou mandar pagar, na cidade de Olinda: rua de Lathias-Ferreira, o que deve, e isto até o dia 28 do corrente; e se o não fizer, passará pelo desgosto de ver o seu nome por extenso; pois que desde já se protesta não se ter mais attenção.

-- Alugam-se duas casas terreas no sitio do Cordeiro, uma á margem do rio Capibaribe, com commodos para grande familia, estribaria, cozinha fóra, e a outra no fundo do mesmo sitio, tambem com commodos para familia: os pretendentes, para ver, dirijam-se ao mesmo sitio, e para tratar, no pateo do Carmo, n. 17.

AO BOM TOM PARISIENSE.

RUA NOVA, N. 56.

Tempette & C., alfaiate,

teem a honra de avisar ao respeitavel publico e com especialidade aos seus freguezes, que mudaram o seu estabelecimento, sito na rua Nova, n. 7, para a mesma rua, n. 56, onde continuarão assiduos a servirem os seus antigos freguezes, e áquelles que os quizerem honrar. Aproveitam esta occasião para participarem que se acham providos de um bello sortimento de fazendas recentemente chegadas de França pelo ultimo navio, como sejam: pannos pretos e de côres para calças; casimiras-setim; dita elastica: tudo do ultimo gosto: bem como sedas, setins, velludos, fustões impressos e bordados, proprios para colletes; uma completa collecção de figurinos das módas as mais recentes de Paris. No mesmo estabelecimento se encontrará sempre um grande sortimento de roupa feita, para todos os tamanhos, bonetes de velludo para senhora, proprios para montaria, e varios objectos de phantasia: tudo moderno e da melhor qualidade.

— Uma pessoa, que sabe perfeitamente musica, se offerece para ensinar particularmente esta bella arte, indo as casas de seus discipulos passar-lhes e tomar-lhes lição. Igualmente se offerece para ensinar primeiras lettras, latim, etc. As pessoas, que se quizerem utilisar de seu prestimo, tenham a bondade de dirigir-se a rua do Rangel, que no primeiro andar do sobrado n. 3 da mesma rua acharão com quem tratar; ou então tenham a bondade de annunciar suas moradas para serem procuradas.

-- Quem precisar de um rapaz brasileiro, para caixeiro de rua, o qual tem pratica e dá conhecimento dos patrões que tem tido, dirija-se a rua da Cadeia-Velha do Recife, n. 41.

-- Aluga-se um preto idoso para vender agoa em uma canoa, nos Martyrios, dando-se-lhe o sustento e o jornal que se convencionar: na rua Augusta, n. 60, ou no pateo do Collegio, loja de livros, n. 2.

-- No dia terça-feira, 21 do corrente, das 6 para 7 horas da manhãa, furtaram da sala do segundo andar da casa n. 18 da rua do Vigario, dous relogios, sendo um de ouro, sabonete, suisso, com trancelim chato e chave de ouro. O relogio tem a mola que faz levantar a caixa quebrada, o mostrador he de louça e o numero julga-se ser 72. O trancelim está partido junto a argola. O outro relogio he de sabonete de prata, com cadeia grossa de ouro, das que prendem com gancho. Tambem levaram outra corrente de ouro, feita em Lisbôa; algum dinheiro e outros objectos. Dão-se 100,000 rs. a quem descobrir todo, ou parte do roubo, e roga-se a qualquer pessoa a quem seja offerecido qualquer dos ditos objectos queira apprehende-los e leva-los a dita casa no segundo ou terceiro andar, que receberá a dita gratificação.

-- Precisa-se de um homem para administrador de uma olaria, perto desta cidade, que seja isento de praça, que seja prudente, que entenda bem da arte, e que saiba ler e escrever: na rua larga do Rozario, n. 18.

— Precisa-se de uma preta que saiba vender na rua e fazer o serviço ordinario de uma casa: quem a tiver e quizer alugar, dirija-se á rua da Alegria, n. 11.

— Nathaniel Hathaway Suift, cidadão americano, retira-se para os Estados-Unidos.

— Na rua do Trapiche-Novo, n. 8, precisa-se de uma cozinheira, que seja escrava.

POMMATEAU, CUTELEIRO, NO ATERRO-DA-BOA-VISTA,

tem a honra de avisar ao publico, que mudou o seu estabelecimento da rua do Aterro-da-Boa-Vista, n. 5, para o sobrado novo, n. 16, da mesma rua.

Na sua loja sempre o publico achará como de costume um grande sortimento de cutelerias finas e de todas as qualidades; bem como pistolas de viagem, e armas para caça. Continúa a concertar todas as qualidades de armas e ferragens, e amola nas quartas-feiras e sabbados.

-- Desencaminhou-se, no dia 22 do corrente, ao anoitecer, da rua Direita, confronte ao becco da Penha, estando o portador comprando um abano na venda de esquina do mesmo becco, um cavallo ruço-sujo tirando a rodado, não muito velho, ainda carnudo, clinas e cabo pretos, tem uma especie de sarna na sarnelha, e estava carregado com dous cassuaes contendo o seguinte: um garrafão com duas canadas e tanto de vinho tinto; um flandres com 3 libras e tanto de manteiga; um dito com uma libra de chá; uma porção de cebolas; um mólho de alhos; um embrulho com duas libras de bolachinha ingleza; um dito com 3 ditas de biscouto doce; um sacco com 24 libras de bolacha e 480 rs. de pães; 4 libras de sabão; 10 cocos de comer; um dito de beber agoa; 2 arrobas e 4 libras de carne do Ceará; um boccado de sal; mil e tanto réis em dinheiro, sendo mil rs. em cedula; e mais alguns objectos do portador, que se ignoram. Roga-se as autoridades e pessoas particulares, que apprendam e levem a rua do Livramento n. 90, que serão recompensados, e se pagarão as despezas que tenham

-- Vende-se um moleque de 15 annos, de nação Angola; um dito de 12 annos; um cabrinha de 10 annos; 3 escravos de nação; uma negrinha de 12 annos, muito linda; 3 mulatinhas recolhidas, com principios de costura; 4 escravas de 16 a 30 annos, de boas figuras e com varias habilidades: nr rua Direita, n. 3.

-- Perdeu-se uma lettra de 1:132,000 rs. importancia de gados comprados para o consumo, a qual se venceu no dia 21, e ja está paga, sacada por Virginio Horacio de Freitas e aceita por João José d'Albuquerque: quem a achar póde entrega-la na [rua Imperial, n. 14. Adverte-se a qualquer que a não negocie, no caso de ser apresentada. O prazo da lettra era de 15 dias.

Compras.

--- Compra-se uma escrava moça de boa figura, que saiba cozinhar e lavar, e não tenha vicio: agradando paga-se bem: na Boa-Vista, rua Velha, n. 18. Quem a tiver, deve apparecer das 11 horas da manhãa ás 3 da tarde.

— Compra-se uma porção de taboas que sirvam para armação de venda: na rua Direita, n. 17. Na mesma vendem-se dous caixões pequenos feitos a moderna, proprios para venda, e por preço commodo.

-- Compra-se uma escrava moça, que saiba bem coser, engommar e cozinhar, sem vicios nem achaques: na rua larga do Rozario, n. 48, primeiro andar.

-- Compra-se um maracá de cascavel, de boa prata, sem feitio, e que esteja em bom estado: quem tiver annuncie.

-- Compram-se 4 vaccas boas, filhas do pasto, que dêem bastante leite, e que tenham bezerros novos: na rua Augusta, n. 60.

-- Compra-se uma preta boceteira: tendo as qualidades que se desejam, paga-se bem: na rua da Senzalla-Velha, n. 110.

-- Compra-se uma casa terrea no bairro da Boa-Vista, sendo em bom local e boa rua, e que tenha quintal murado e cacimba: na rua da Senzalla-Nova, venda n. 7.

Vendas.

Loteria do Rio-de-Janeiro.

Aos 20:000$000 de réis.

Chegaram, pelo vapor *San-Sebastião*, bilhetes e meios ditos da primeira loteria a beneficio do conservatorio de musica da côrte, que deverá ser extrahida de 12 a 15 do corrente: na rua da Cadeia do Recife, loja de cambio do Vieira, n. 24. A elles, antes que chegue o vapor com a lista.

--- Vendem-se 26 traves de camassari e louro, de 30 e 40 palmos: na rua da Madre-de-Deos, n. 9.

--- Vende-se junco a retalho, por preço commodo: na rua da Cadeia do bairro do Santo-Antonio, n. 18.

— Vende-se uma muito boa escrava, de côr preta, com idade de 24 annos, que sabe bem engommar, cozinhar e cozer chão, propria para o serviço interno de uma casa, e bastante fiel: não se duvida dar a contento: na rua estreita do Rozario, n. 31, primeiro andar.

--- Vende-se uma escrava de bonita figura, com habilidades: no pateo do Carmo, n. 7, se dirá quem vende.

--Vende-se um escravo, muito moço e forte, que he bom carreiro, e trabalhador de enxada, machado e fouce: na rua do Passeio, n. 19, se dirá quem vende.

-- Vende-se, por precisão, um escravo de nação, por 300,000 rs.; um pardo, por 400,000 rs.: na rua da Senzalla-Velha, n. 132.

--- Vendem-se muito bem feitas jarras; pias para preservar as formigas; vasos para flores; panellas para doce; pequenos cacos, proprios para vender flores; uma porção de botijas vidradas: todas estas obras são de muito bom barro, e vendem-se por preço muito commodo: na rua da Florentina, n. 16.

— Vendem-se casaes de pombos grandes, optimos batedores, e de côres muito bonitas, por preço muito commodo: na rua F da lorentina, n. 16.

-- Vendem-se 5 propriedades de casas, sendo uma de sobrado, em Olinda, na rua do Coxo; uma dita de sobrado e sotão, na rua da Senzalla-Nova, n. 37; uma dita terrea, no becco dos Martyrios, n. 4; uma dita na rua dos Pescadores do bairro de S.-Antonio, n. 7; uma dita dita meia agoa nos fundos desta acima, n. 8: a tratar na rua da Cruz, n. 54, com Mendes & Tarrozo, que se acham competentemente autorisados para esta venda, por conta de quem pertencer.

— Vende-se linha fina de bordar de linho; toalhas e guardanapos de mesa; meias de linho: na rua do Cabugá, loja de miudezas, do Guimarães

— Vende-se um tronco muito forte e seguro, de sicupira, com fechadura de segredo: na rua da Senzalla-Nova, venda n. 7.

— Vendem-se breves noções de poetica, a 1,000 rs.: na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

— Vendem-se, na rua Nova, n. 44, fabrica de chapéos, as seguintes qualidades de chapéos: de merinó, de mola; ditos de pellucia de seda, francezes; ditos de massa sem pello, brancos, pardos e com borlas; ditos de palha da Italia, de copa alta, para homens e para meninos, e de copa baixa: todas estas qualidades chegaram ultimamente de França, e são da moda mais moderna. Na mesma fabrica sempre se acha um bom sortimento de chapéos de todas as qualidades, fabricados na mesma fabrica, tanto em porção como a retalho: tambem se vendem todos os pertences para o fabrico de chapéos, por preço commodo.

— Vende-se um preto de 40 annos, pouco mais ou menos, proprio para o serviço de campo: na rua do Livramento, loja de fazendas, n. 34.

— Vende-se, por preço commodo, para fóra da provincia, ou para engenho, uma preta: na rua da Cruz do Recife, n. 57.

— Na rua do Trapiche-Novo, n. 18, casa de Frederico Robilliard, vende-se farinha de trigo, americana, recentemente chegada.

---Vendem-se limas, marcas de todo os tamanhos, para ourives: na rua da Cadeia-Velha do Recife, loja de ferragens, n. 53.

SSSF.

Vendem-se barricas e meias barricas de farinha SSSF de raminho: no armazem de Joaquim Lopes de Almeida, caixeiro do Sr. João Matheus, atrás do theatro.

Na nova loja do Passeio-Publico, n. 17,

vendem-se casimiras de lãa para calças, a 1,000 rs. o covado; córtes de cassa para vestidos, muito modernos, a 3,200 rs.; ditos de chitas fixas, com 10 covados, a 1,000 rs.; ditos muito finos, com 10 covados, a 1,800 rs.; peças de chitas para coberta, de muito lindos padrões e bons pannos, a 5,500 rs., e o covado a 160 rs.; cassas de quadros e listras de côres, a 280 rs. o covado; córtes de pelle do diabo, fazenda muito forte para calças, a 1,280 rs. o córte; cambraia lisa, peça de 5 varas, a 2$ rs.; alpaca côr de café, muito fina, a 640 rs. o covado; uma porção de chitas finas, a 4,500 rs. a peça; ditas das mais modernas que teem apparecido, a 12,000 rs. a peça, e a 320 rs. o covado; lãas para vestidos, de muito lindos padrões, a 320 rs. o covado; pannos para mesa, a 1,120 rs. cada um; uma fazenda de algodão com quatro palmos de largura e muito forte a 200 rs. o covado; e outras muitas fazendas por preço mais commodo do que em outra qualquer parte.

— Vendem-se 3 escravos, sendo: um pardo de 30 annos, bom vaqueiro, e que he proprio de todo o serviço de campo e da praça; um dito de 22 annos, do mesmo serviço, e com principio de officio de sapateiro e ferreiro; uma negrinha de 13 annos, que cose chão e cozinha o diario de uma casa: todos de bonitas figuras, e vendem-se muito em conta, por querer o dono retirar-se para fóra da provincia: na rua da Concordia, passando a pontezinha, a direita, segunda casa terrea, se dirá quem vende.

---Vende-se uma preta de Angola, de 18 annos, de muito linda figura, e optima para se acabar de educar; uma mulatinha de 18 annos, com boas habilidades, para dentro de uma casa: na rua do Passeio, loja n. 19, se dirá quem vende.

-- Vendem-se 7 escravos, sendo: 3 de 18, 20 e 24 annos, de bonitas figuras, proprios para o serviço de campo e mesmo para a praça; 3 lindos moleques de 11, 13 e 16 annos, proprios para officio; uma preta crioula de bonita figura, de 25 annos, com habilidades: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

-- Vende-se sal do Assú; cera em velas; sarçaparrilha: tudo por preço commodo, para se fechar contas: na rua da Moeda, n. 11, a fallar com Silva & Grillo.

—Vende-se, no armazem do Bacelar defronte da escadinha da alfandega, muito boa batata, a 1,600 rs. a arroba; chá hisson em latas de 1 libra, a 2,400 rs.

-- Vende-se, na rua do Queimado, n. 30, loja de alfaiate de José Joaquim Novaes, um vestido de montaria, para senhora, de muito boa fazenda, e do ultimo gosto, por preço muito commodo.

Attenção!

Vendem-se superiores chitas francezas, de vara de largura e de côres fixas, a 280 rs. o covado; ditas finas, escuras e de côres fixas, tendo algumas que servem para luto, a 5,000 rs. a peça; meios chales de cassa de quadros, a 440 rs.; córtes de lanzinha, para senhora, com 15 covados, a 3,600 rs.; panno preto fino para pannos de pretas, a 3,000 rs. o covado; chales de lãa e seda, muito finos, a 5,500 e 7,000 rs.; zuarte de vara de largura, a 240 rs. o covado; córtes de cambraia lisa, muito fina, e com 6 varas e meia, a 5,000 rs.; superior brim trançado pardo, de puro linho, a 640 e 900 rs a vara; dito amarello, muito fino, a 900 e 1,000 rs.; dito trançado de linho branco, muito superior, a 1,000, 1,280 e 1,600 rs. a vara; chadrezes de linho para jaqueta, a 400 rs. o covado; riscadinhos trançados, a 240 rs. o covado; hamburgo de linho, a 260 rs. a vara; meias para senhora, a 240 rs. o par; e outras muitas fazendas por barato preço: na rua do Collegio, loja n. 1.

— Vendem-se caixas de chá hysson, de 13 libras, em porções, ou a retalho; caixas de velas de espermacete de 5 e 6 em libra: na rua da Alfandega-Velha, n. 36, em casa de Matheus Austin & C.

Casa da Fé

na rua estreita do Rozario, n. 6.

Neste estabelecimento acham-se a venda as bem acreditadas cautelas da loteria do theatro publico desta cidade, cujas rodas andam no dia 1.° de outubro. O cautelista espera que os seus freguezes concorram a comprar o resto das ditas cautelas, nas quaes se esperam boas sortes, pela excellente escolha que se fez dos numeros para serem divididos em cautelas. A ellas que são poucas e boas. Preços do costume.

— Vende-se um cavallo alazão, muito bonito, bem feito, que carrega baixo, esquipa, e he muito manso: na rua da Florentina, n. 16.

-- Vendem-se varios pedaços de musicas para piano e cantoria, chegados recentemente do Rio-de-Janeiro, por preço commodo: na rua do Cabuga, loja n. 6.

— Vendem-se duas canoas de carreira e alguns escravos excellentes, de ambos os sexos, pertencentes a uma pessoa que se retira: na rua da Senzalla-Velha, n. 110.

--- Vende-se, de uma familia que se retira, uma escrava de nação, insigne engommadeira, perfeita lavadeira de sabão e varrella, boa cozinheira e de excellente conducta: na rua da Cruz, n. 49, primeiro andar, se dirá quem vende.

Córtes de pelle do diabo, a 1,400 rs.

Vendem-se superiores córtes da fazenda chamada pelle do diabo, com 3 covados e meia, pelo barato preço de 1,400 rs o córte, sendo da mais superioa que tem apparecido: na rua do Collegio, loja n. 1.

Vendem-se escravos baratos, na rua das Larangeiras, n. 14, segundo andar: 2 molecotes, de bonitas figuras; um bonito preto de 25 annos; um dito de 26 annos, por 450,000 rs.; um pardo com officio de pedreiro, de linda figura e de optima conducta; um dito carreiro, de optima conducta; 1 dito com officio de sapateiro, sem vicios nem achaques, este troca-se por uma preta que seja moça, e não seja achacada; um preto de nação, muito forte, por 400,000 rs.; um dito por 250,000 rs.; uma preta de 25 annos, que cose muito bem, sem vicios nem achaques; uma mulatinha de 12 annos; uma negrinha de 10 annos, propria para ser educada; uma preta muito forte, de boa figura, e de 38 annos, por 260,000 rs.; uma dita de nação, que entende de cozinha alguma cousa, de muito boa conducta e sem vicios nem achaques, por 420,00.

A 1$000 rs.

As melhores luvas de pellica brancas e elasticas: na rua larga do Rozario, n. 24.

Casimiras elasticas, a 1$00 rs. o covado.

Vendem-se superiores casimiras elasticas, pelo barato preço de 1,000 rs. o covado; ditas muito finas, francezas, a 1,280 rs. o covado; dita de superior qualidade, elastica, muito fina, e preta, a 3,500 rs. o covado: na rua do Collegio, loja n. 1.

SSSF.

Vende-se a verdadeira farinha SSSF de raminho, chegada no dia 5 do corrente: a tratar com J. J. Tasso Junior.

POTASSA

Vende-se a verdadeira e superior potassa da Russia, a mais nova que existe no mercado: na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 12, de Balthar & Oliveira.

— Vende-se superior potassa nova: na rua de Apollo, armazem n. 18.

SSSF.

Vendem-se meias barricas de farinha de SSSF de raminho: no caes da Alfandega, armazem n. 1, do Guimarães.

AOS 20:000$ de rs

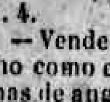
Vendem-se meios bilhetes da primeira loteria do conservatorio de musica do Rio-de-Janeiro, que ficava a correr no dia 15 do corrente setembro: na rua do Collegio, loja n. 1.

Potassa da Russia.

Cunha & Amorim teem para vender potassa da Russia, de superior qualidade: na rua da Cadeia, n. 50.

Loteria do Rio-de-Janeiro, a favor da nova freguezia de N.-S.-da-Gloria.

Vendem-se bilhetes desta loteria: em casa de J. O. Elster, na rua da Cadeia-Velha, n. 29.



PREÇO RASOAVEL.

Novo sortimento de chapéos francezes, finos, chegados pelo ultimo navio de França, e por isso dos mais modernos: bem como todo o sortimento de fazendas finas: na rua do Queimado, loja nova n. 11 A, de Raymundo Carlos Leite.

--- Vendem-se 6 escravos, sendo: um moleque de 11 annos; um preto de 24 annos, de elegante figura, que he bom carreiro; uma parda com habilidades; duas pretas de nação; uma dita crioula, perfeita cozinheira, doceira, e que engomma: no pateo da Matriz de S.-Antonio, sobrado n. 4.

-- Vende-se madeira de jacarandá, tanto a retalho como em duzias e meias duzias: bem como camas de angico; ditas de amarello; meias-commodas de dito; mesas de meio de sala, de oleo e condurú; marquezas de angico e conduru; cadeiras de oleo: tudo por preço o mais barato possivel: na rua da Camboa-do-Carmo, n. 8, casa de marceneiro.

-- Vende-se uma bonita escrava de nação Angola, de 20 annos, que engomma bem, cose e cozinha o diario de uma casa; na rua da Cadeia, n. 19.

--- Vende-se uma escrava de bonita figura, com habilidades: na rua do Livramento, n 38. Na mesma casa precisa-se de capim para um cavallo, diariamente: quem quizer vender e afreguezar-se, dirija-se a dita casa.

— Vendem-se muito superiores cordas de tripa e bordões para violão e rabeca; papel pautado para musica: tudo chegado de proximo: na praça da Independencia, loja n. 3.

-- Na loja nova n. 17, do Passeio-Publico, vendem-se córtes de casimira de lãa do imperio, fazenda muito forte, e de muito lindos padrões para calças, a 2,000 rs o córte; chales de cassa, muito finos e com listras de seda, a 4,000 rs.; ditos de lãa, a 2,000 rs.

— Vendem-se 2 pardos, um de 22 annos, e o outro de 30, sendo um bom vaqueiro e o outro com principios de official de sapateiro: estes escravos vendem-se por uma grande precisão, e dão-se muito em conta, isto he por 390,000 rs. cada um, não teem vicios nem achaques, e são de bonitas figuras: na rua da Concordia, passando a pontezinha, a direita, segunda casa terrea.

— Vende-se uma completa armação para venda, por barato preço, por se ter tirado do lugar: no Forte-do-Mattos, casa nova sem numero, defronte de Joaquim Além.

— Vende-se, pelo mesmo preço, a arrematação do dizimo dos cocos do municipio de Serinhãem, por 3 annos, contados do primeiro de julho de 1846 até o ultimo de junho de 1849: a tratar no pateo da S.-Cruz, n. 8, ao pé da botica.

Vende-se cera de carnaúba, de muito boa qualidade, tanto a retalho como em porção: na rua das Larangeiras, n. 14, segundo andar.

Na loja de José Manoel Monteiro Braga, na rua do Crespo, n. 16, esquina que vira para a rua das Cruzes,

vendem-se ricos chapéos para senhora, chegados ultimamente de Paris, de mui lindas e differentes côres; e igualmente um completo sortimento de casimiras de todas as qualidades, e de padrões modernos, tanto lisas como de listras e quadros.

Na rua de Agoas-Verdes, n. 46,

vendem-se 3 moradas de casas na melhor rua dos Afogados, com excellentes quintaes, por preço commodo; uma dita em Olinda, no Varadouro, com formidavel quintal.

-- Vende-se uma cabra de 25 annos, de bonita figura, que cose, lava e faz todo o serviço de uma casa com muito asseio: no becco do Padré, n. 4.

Na rua de Agoas-Verdes, n. 46,

vende-se, para fóra da provincia, um bonito pardo, perito official de alfaiate, de 20 annos; um bonito moleque de nação, de 15 annos; um escravo bom carreiro; um dito de nação, proprio para engenho; um pardo bom pagem; duas bonitas molecas de nação, de 11 a 13 annos; uma escrava de nação, boa quitandeira, que cozinha, lava, e não he viciosa, por 350,000 rs.; uma dita de 20 annos, que cose, cozinha, e tem boa conducta, por 430,000 rs.; uma dita de meia idade, boa lavadeira, por 150,000 rs.; uma dita para engenho, por 250,000 rs.; um bonito mulatinho, que he optimo pagem.

Vendem-se os mais modernos chapéos francezes; meias casimiras de novos e lindos padrões, pelo baratissimo preço de 640 rs. o covado: na rua do Queimado, nos quatro-cantos, casa amarella, n. 29.

-- Lima Junior & Companhia teem para vender colla da Bahia, de primeira qualidade, em barricas de duas arrobas e meia cada uma, chegadas ultimamente: quem a pretender dirija-se ao caes da Alfandega. Tambem vendem uma porção de traves de 32 a 40 palmos, e duas canoas.

--- Vende-se um molecão de nação Angola, que he cozinheiro, e tem proporções para outro qualquer serviço que se proponha: na pracinha do Livramento, n. 45.

— Vende-se uma carteira de amarello, de duas faces, quasi nova, por preço commodo: na rua da Guia, venda n. 36.

-- Vende-se uma escrava crioula, bonita peça, de 14 annos, que sabe muito bem fazer lavarinto, marcar, coser chão soffrivelmente, e que he recolhida, muito perfeita, e não tem vicio de qualidade algum: na rua Augusta, n. 50.

AGENCIA DA FUNDIÇAO' DE LOW-MOOR.

Na rua da Senzalla-Nova, n. 42, continúa a haver um completo sortimento de moendas e machinas de vapor, para engenhos de assucar: bem como taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos: tudo por preço commodo.

Escravos Fugidos.

-- Fugio, ha dias, a escrava Maria, mas conhecida por Gaudencia, crioula, de estatura regular, cheia do corpo, côr retinta, dentes alvos; levou vestido de chita rôxa, novo, saia preta de alpaca, e panno fino preto; tem sido vista na rua do Rangel, Boa-Vista, Manguinho, e Ponte-de-Uchôa: quem a pegar leve a rua da Cadeia-Velha, que será recompensado.

-- Fugio, no dia primeiro de setembro, um escravo, pertencente a testamentaria do fallecido Antonio Machado da Cunha, de nome Manoel, de nação Calabar, com uma chaga grande ao pé do tornozelo do pé direito; tem uma belida em um olho; he mal encarado; representa 40 annos, pouco mais ou menos: quem o pegar leve ao pateo da S.-Cruz, n. 8, ao pé da botica.

PERN: NA TYP. DE M. F. DE FARIA.—1847.